



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 2, Mai-Ago. 2018

A TRAJETÓRIA DO JORNALISMO E DOS JORNALISTAS AMBIENTAIS NO BRASIL: O NÚCLEO DE ECOJORNALISTAS DO RS

The trajectory of Journalism and Environmental Journalists in Brazil: Center of Eco-Journalists from Rio Grande do Sul

La trayectoria del periodismo y los periodistas ambientales en Brasil: el núcleo de los eco-periodistas de Rio Grande do Sul

Eliege Maria Fante¹

Cláudia Herte de Moraes²

Carine Massierer³

Sarah Bueno Motter^{4, 5}

RESUMO

O texto tem o objetivo de constituir-se como um levantamento da trajetória do Jornalismo Ambiental no Brasil, que foi marcada fortemente pela criação e consolidação do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS), fundado em 22 de junho de 1990. O NEJ-RS foi criado para incentivar e aperfeiçoar a cobertura jornalística na questão ambiental e passou a reunir, ao longo dos anos, jornalistas que fizeram do Jornalismo Ambiental a sua

¹ Jornalista, mestra e doutoranda em Comunicação e Informação PPGCOM UFRGS. Associada ao NEJ-RS. E-mail: eliege_f@yahoo.com.br.

² Jornalista, Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professora na Universidade Federal de Santa Maria campus Frederico Westphalen (RS). Associada ao NEJ-RS. E-mail: chmoraes@gmail.com.

³ Jornalista, Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Assessora de Imprensa na Emater/RSAscar. E-mail: cmassierer@yahoo.com.br.

⁴ Jornalista, Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. E-mail: sarbm_81@msn.com.

⁵ Endereço de contato com as autoras (por correio): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Campus Saúde

R. Ramiro Barcelos, 2705 Prédio 22201, Porto Alegre/RS, CEP: 90035007, Brasil.



missão de vida e profissional. Este caminho percorrido por eles se constitui na história do Jornalismo Ambiental que recuperamos por meio de pesquisa bibliográfica, documental, de relatos e entrevistas.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo. Jornalismo Ambiental. Jornalistas Ambientais. Núcleo de Ecojornalistas do RS.

ABSTRACT

The text aims to establish itself as a survey of the Environmental Journalism course in Brazil, which was strongly marked by the creation and consolidation of the Center of Eco-Journalist from Rio Grande do Sul (NEJ-RS), founded in June 22, 1990. The NEJ-RS was created to encourage and enhance media coverage on environmental and began to gather over the years, journalists have made the Environmental Journalism his life mission and professional. This path taken by them constitutes the history of Environmental Journalism which recovered by means of literature, documents, reports and interviews.

KEYWORDS: History of journalism. Environmental journalism. Environmental Journalists. Núcleo de Ecojornalistas do RS.

RESUMEN

El texto pretende constituirse como un estudio de la trayectoria del periodismo ambiental en Brasil, marcado fuertemente por la creación y consolidación del núcleo de eco-periodistas de Rio Grande del Sur (NEJ-RS), fundado el 22 de junio de 1990. El NEJ-RS fue creado para estimular y refinar la cobertura periodística en el tema medioambiental y comenzó a reunir, a través de los años, a periodistas que hicieron del periodismo ambiental su misión de vida y profesional. Este camino recorrido por ellos se constituye en la historia del periodismo ambiental que recuperamos a través de la investigación bibliográfica, documental, reportajes y entrevistas..

PALABRAS CLAVE: Historia del periodismo. Periodismo ambiental. Periodistas ambientales. Núcleo de Ecojornalistas do RS.

Recebido em: 26.03.2018. Aceito em: 20.04.2018. Publicado em: 23.04.2018.

Introdução

O desejo de preservação da natureza e a perspectiva de uma vida ecológica, como definiu Castells (2001), originaram-se no século XIX e circularam entre as “elites ilustradas dos países dominantes”. Ele aponta que o “movimento ambientalista de massas entre as classes populares e com base na opinião pública” (CASTELLS, 2001: 153-154), surgiu nos Estados Unidos, Alemanha e Europa Ocidental, apenas no final dos anos 1960, devido à nova estrutura social em rede baseada no desenvolvimento das tecnologias da informação.

Com isso, nas décadas seguintes, ampliou-se a divulgação da temática ambiental, nos noticiários de TV, rádio e jornais. Nos anos 1990 o tema também passou a ganhar mais espaço na Internet e, posteriormente, em sites e *blogs*.

A primeira organização dedicada ao Jornalismo Ambiental surgiu em 1968,

em Paris⁶. Mas, foi a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, em 1972, que a mídia internacional passou a pautar os problemas ambientais globais com maior frequência. Em 1990, surgiu outro importante movimento dedicado ao Jornalismo Ambiental mundial, que é a *Society of Environmental Journalists (JNE)*, criada nos Estados Unidos.

No Brasil, o primeiro movimento de jornalistas em prol do meio ambiente instituído foi o NEJ-RS, em 1990. Tendo em vista que este é o único que permanece ativo este artigo propõe-se a contextualizar o momento histórico de criação do NEJ-RS, retomar esta história com alguns dos jornalistas que contribuíram para a consolidação da entidade, descrever de que forma o Núcleo influenciou suas trajetórias pessoais e profissionais, e analisar quais as contribuições do NEJ-RS para: o

⁶ A entidade foi chamada *Journalistes-écrivains pour la nature et l'écologie (JNE)* (FERREIRA, 2008).

agendamento de notícias ambientais; a criação de programas ambientais em rádios tradicionais; o surgimento de outros núcleos de ecojornalistas pelo Brasil; a origem da disciplina Jornalismo Ambiental nos cursos de Jornalismo; a criação do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental UFRGS/CNPq, e ainda, a criação da EcoAgência de Notícias – forma pioneira de jornalismo ambiental e difusão de pautas na internet, entre outros importantes caminhos abertos. Desta forma, por meio deste artigo, será preenchida uma lacuna na história do Jornalismo e do Jornalismo Ambiental brasileiros.

Para dar conta desses objetivos, adotamos como procedimentos metodológicos: a pesquisa em documentos do NEJ-RS (atas de reuniões, listas de presenças, cartazes); análise bibliográfica (dissertações, TCC's, artigos acadêmicos); aplicação de questionário a 17 jornalistas (sócios, ex-sócios e profissionais não vinculados ao Núcleo, mas sim à Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental - RBJA); e, a realização de

entrevistas semiestruturadas com cinco jornalistas associados e ex-sócios da entidade.

1. Os pioneiros do Jornalismo Ambiental no Brasil

No Brasil, a cobertura jornalística de Randau Marques sobre a contaminação por chumbo de trabalhadores da indústria de curtume no interior de São Paulo foi um marco, assim como aquela que fez sobre a poluição causada pela empresa de celulose Borregaard, em Guaíba (RS), que atingiu Porto Alegre e região na década de 1970 (BELMONTE, 1997).

Contudo, já nos anos 1950, o Brasil via emergir os princípios do Jornalismo Ambiental ao mesmo tempo em que sentia a construção do movimento ambientalista, assim como descreveu Castells (2001) sobre o surgimento deste nos Estados Unidos, na Alemanha e na Europa Ocidental naquele período. Estamos nos referindo à atuação do funcionário público Henrique Luís

Roessler⁷ no RS. Foi ele quem criou, em 1955, a União Protetora da Natureza (UPN), a primeira organização ambientalista do país. E, relacionado ao Jornalismo, Roessler escreveu 301 significativas crônicas semanais publicadas no jornal *Correio do Povo* (de Porto Alegre) entre 1957 e 1963.

A visão profunda e a atuação complexa de Roessler desencadeou o surgimento de entidades ambientalistas no RS e no país, como a reconhecida Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente Natural (Agapan), fundada em 1971 por José Lutzenberger, Celso Marques, entre outros. Esta entidade, ao lado da União Protetora do Ambiente Natural (UPAN, São Leopoldo/RS), testemunhou a fundação do NEJ-RS. Mais do que isso: Juarez Tosi e Eleara Manfredi, constantes na primeira nominata do

Núcleo, integraram a Agapan em algum período de suas vidas.

Além da influência das ONGs ambientalistas, eventos também contribuíram para o surgimento do primeiro Núcleo de Ecojornalistas do Brasil, o NEJ-RS. O principal deles, o Seminário sobre População e Meio Ambiente, ocorreu em novembro de 1989, e foi realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj⁸), em Brasília. A iniciativa foi um preparatório para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92, no Rio de Janeiro.

O jornalista Juarez Tosi, coordenador do NEJ-RS na maioria das gestões e sócio-fundador da entidade, lembra que a realização deste Seminário na capital federal fez com que os jornalistas percebessem que lhes faltavam informações e conhecimentos para

⁷ Realizou atividades de educação ambiental, atos públicos, imprimiu e distribuiu cartazes, fez palestras em escolas. A Agapan afirma que Roessler é o “fundador da ecologia política no Brasil, pois em 16.10.1959 declarou que era necessário ‘alarmar a opinião pública para convencer o Poder Público da necessidade urgente de providências’”. (ROESSLER, 2005)

⁸ O documento oficial do encontro traz a proposta de criação de uma entidade que agregasse os profissionais da área. Denominada “Clube de Ecologia”, deveria funcionar junto à Fenaj e, além de outros temas, deveria servir como espaço de debate das questões ambientais. (PETRARCA, 2008: 38)

abordar as questões ambientais. Assim, retornaram com a motivação de ampliar a discussão sobre o tema ambiental por meio da criação de núcleos regionais.

Primeiramente, se dispuseram a criar núcleos os representantes de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. A longo prazo, a intenção era criar uma entidade nacional de jornalistas ambientais, de acordo com Tosi (2015).

No Rio Grande do Sul, a primeira ação para ampliar a discussão sobre o tema ambiental foi criar o núcleo regional de ecojornalistas, em 22 de junho de 1990, e articular a atividade de fundação, uma palestra realizada no Sindicato dos Jornalistas do RS, em Porto Alegre, em 07 de agosto de 1990. Recorda Tosi que, para discutir a atuação dos jornalistas na área ambiental, convidaram os presidentes da Agapan, Celso Marques, e da União Protetora do Ambiente Natural (Upan, São Leopoldo/RS), Carlos Aveline. "Após a palestra nos reunimos para fazer um relato daquele Seminário de Brasília e também fundar o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul,

como uma entidade civil sem fins lucrativos." (TOSI, 2015)

Belmonte (2015) recorda que passou a integrar o NEJ-RS para se preparar para a cobertura da ECO-92 e ficou por dez anos. A participação no Núcleo influenciou a sua vida pessoal e profissional. Como sua militância é "em busca de boas pautas", o NEJ-RS contribuiu para que ele as descobrisse e, por outro lado, ele cooperou para a organização de eventos e da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA).

O Núcleo, com seu trabalho jornalístico essencialmente voluntário, engajado nas causas ambientais em defesa de um mundo equilibrado e socioambientalmente justo, sempre foi participante ativo nos principais eventos relacionados às questões ambientais. Seu engajamento colaborou com a mudança na história do jornalismo e dos jornalistas brasileiros, especialmente por ter contribuído para a formação de profissionais com atuação diferenciada

nos meios de comunicação social tradicionais.

2. Construção de redes de informação e conhecimento em Jornalismo Ambiental

Em 1994, o NEJ-RS tornou-se a primeira entidade brasileira de jornalistas a operar na Internet, intensificando a comunicação sobre o tema de forma mais rápida e efetiva. Tosi (2015) conta que isto aconteceu a partir da criação de uma caixa postal eletrônica (email: nejrs@ax.apc.org) ligada a rede de computadores coordenada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas⁹ (IBASE), no Rio de Janeiro.

⁹ A Rede Nacional de Pesquisa (RNP), projeto do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), lançada em 1989, uniu-se em 1994 ao Ibase, para através do projeto AlterNex (provedor de acesso), implantarem o Centro de Informações para Organizações Não-Governamentais na Internet brasileira. Esta rede operava 24 horas e se caracterizou como um serviço internacional sem fins lucrativos. O NEJ-RS foi uma das 1.916 ONGs do país cadastradas na AlterNex. O objetivo era promover a comunicação dessas ONGs com o exterior. In: SILVA, 1997.

Desde então, os integrantes do Núcleo passaram a fazer contato com jornalistas especializados em meio ambiente de 55 países. E, em 1998, criaram a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA¹⁰). Segundo Roberto Villar Belmonte (2015), ex-sócio, ela começou a ser articulada após a Rio 92, pelos jornalistas que se conheceram nos eventos preparatórios e durante a cobertura da conferência:

Fizemos várias tentativas em redes digitais alternativas. Ela só emplacou no final de 1998 porque antes, poucos jornalistas usavam e-mail. Nasceu para auxílio mútuo na elaboração de pautas e análise da qualidade do Jornalismo Ambiental no Brasil. (BELMONTE, 2015).

João Batista Santafé Aguiar, ex-sócio do NEJ-RS, explicou que a RBJA surgiu por necessidade de reunião, crítica dos trabalhos, procura de melhores fontes, inclusão em currículos das faculdades de jornalismo e aprofundamento do entendimento das questões, sugerida em diversos encontros

¹⁰ Disponível em: <<http://www.rbja.jor.br/>> Acesso em: abr. 2015.

nacionais e internacionais na década de 1980. "A Rede contribui fortemente para melhor divulgação das questões relacionadas com o meio ambiente ao permitir contribuições de colegas da área" (AGUIAR, 2015).

Além da RBJA, que reúne, atualmente, 719 jornalistas, o NEJ-RS promoveu a criação da Rede de Comunicação Ambiental Latino Americana e do Caribe (RedCalc¹¹). Esta rede virtual foi uma proposta aprovada durante o Seminário¹² Internacional "Os Meios de Comunicação e a Gestão do Ambiente Urbano: papéis e perspectivas na América Latina e no Caribe", em 2000. Fazem parte da RedCalc 264 jornalistas de 15 países.

¹¹ Disponível em: <<http://www.redcalc.org/>> Acesso em: abr. 2015.

¹² Realizado em 8 de junho de 2000, durante a Semana do Meio Ambiente em Porto Alegre, foi organizado junto com Programa de Gestão Urbana (PGU) da ONU, Instituto de Promoção da Economia Social (IPES) e Prefeitura da capital gaúcha. Teve a participação de 60 pessoas vindas de 17 países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Holanda, México, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai, USA, Venezuela).

O fato de o NEJ-RS ser uma referência nacional sobre Jornalismo Ambiental inspirou também o surgimento de outros Núcleos em 2007: Núcleo de Ecojornalistas do Mato (NEM), com profissionais do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso e, do Núcleo de Ecojornalistas de Alagoas (NEJAL, Alagoas). Ambos deixaram de atuar, em 2012 e 2013, respectivamente, mas os jornalistas ambientais constituídos a partir dessas experiências seguem engajados com os ideais jornalísticos e ambientais.

3. O engajamento e a formação continuada

O engajamento¹³ é uma das principais características dos jornalistas ambientais. Bueno (2007: 29), afirma que estes profissionais precisam estar

¹³ "participação ativa em assuntos e circunstâncias de relevância política e social, passível de ocorrer por meio de manifestação intelectual pública, de natureza teórica, artística ou jornalística, ou em atividade prática no interior de grupos organizados, movimentos, partidos etc.." (ENGAJAMENTO, 2009: 758)

conscientes que esta “atividade requer militância”. A jornalista Adriane Bertóglio Rodrigues (2015) é militante há mais de 30 anos, desde que começou a escrever sobre ecologia enquanto fazia graduação em Jornalismo na Unisinos (São Leopoldo/RS):

Meu primeiro trabalho foi junto ao jornal Vale dos Sinos, de São Leopoldo, pertencendo ao Grupo Sinos. Escolhi a editoria de Ecologia e desde então priorizo esse enfoque em todos os meus trabalhos e atuações, seja profissional e principalmente pessoal. (RODRIGUES, 2015)

Bueno (2007) justifica que o jornalista consegue forças de resistência apenas se atuar de forma militante, pois há “investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses”. (BUENO, 2007: 29) O coordenador do Núcleo, Juarez Tosi, afirma em entrevista (BUENO, 2007) que considera “incompatível ser um bom jornalista e não se engajar na campanha pela qualidade de vida”.

Por exemplo, temos, como jornalistas, que mostram que os

metais pesados fazem mal para a saúde, que eles podem provocar câncer. E, o uso absurdo, como ocorre hoje, de plástico, causa sérios problemas hormonais. [...]. Como jornalistas, temos o dever ético de mostrar isso para as pessoas. Então, de certa forma, acabamos sendo além de jornalistas, também militantes [...]. (BUENO, 2007: 141) .

Além do engajamento ambiental e profissional, é essencial que o jornalista também se mantenha em constante processo de formação. Esta sempre foi uma preocupação do NEJ-RS, tanto que o Núcleo tem como uma das diretrizes:

[...] a mobilização social para difundir em toda a sociedade informações que permitam a compreensão sobre a interdependência entre os seres vivos e a necessidade de um desenvolvimento ecologicamente sustentável e socialmente justo para a preservação da vida na Terra [...]. (NEJ-RS, 2003)

Neste sentido, um conjunto de ações passaram a ser desenvolvidas simultaneamente através de uma atuação voluntária e, não remunerada, no NEJ-RS. Na sequência, o **Quadro 1** mostra as ações realizadas com vistas à formação dos jornalistas, ao mesmo tempo em que realizavam palestras em escolas e

universidades, em congressos de jornalistas, e concediam entrevistas para rádio, jornal, televisão e internet.

Aguiar (2015) afirma que o NEJ-RS contribuiu com excelentes cursos de formação, ao longo de sua história, que certamente repercutiram na vida dos profissionais e dos estudantes que os fizeram. Como ressalta Belmonte (2015), aqueles que participam de eventos, de núcleos de jornalistas ou de redes, têm relações mais próximas com o movimento ambientalista e assim mais facilidade para enxergar pautas.

Quadro 1: Ações de formação

Cursos	Para jornalistas e ministrados por profissionais da mesma e de outras áreas.
Terça Ecológica	Encontros mensais entre jornalistas, técnicos e especialistas para aprofundar os conhecimentos sobre temas ambientais.
Congresso de Jornalismo Ambiental do RS (CONJARS)	Precedendo o Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental (CBJA), realizou em 2006, na Fabico/UFRGS, o 1º Congresso de Jornalismo Ambiental do RS (CONJARS), com o tema "Jornalismo e Ambientalismo - Práticas

	para uma vida sustentável".
Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental (CBJA)	Realização em Porto Alegre, no ano de 2007, participaram jornalistas também de Cuba, Uruguai, México, Panamá, Colômbia, Paraguai e Uruguai. O NEJ-RS apoiou as edições do CBJA antes e após a edição de 2007. Em outubro de 2015, vai ser realizada a 6ª edição do evento.

Fonte: Elaboração das autoras.

Conforme Schwaab (2015), os motivos que o levaram a entrar para o NEJ-RS, em 2005, foram a sua natureza de incentivo ao Jornalismo Ambiental e a preocupação que a entidade sempre demonstrou em atuar como espaço de formação continuada formal e informal, oferecendo encontros, debates, cursos de diferentes naturezas, bem como incentivando e viabilizando a participação de seus associados em eventos.

4. O surgimento de publicações, programas em rádio e da agência de notícias

Por meio da promoção de ações de formação continuada (**Quadro 2**), o NEJ-RS influenciou as trajetórias pessoais

e profissionais dos seus integrantes, de acordo com as entrevistas de sócios e ex-sócios.

Em síntese, as pessoas que responderam ao questionário informaram que direcionaram o seu trabalho ao Jornalismo Ambiental e, ao ampliar o conhecimento nesta área, qualificaram a sua atuação. Schwaab (2015), afirma que o Núcleo foi fundamental em sua trajetória, como um espaço de reflexão crítica sobre a prática do jornalismo e dos temas ambientais. “Muito do que estudei, em diferentes momentos, assim como o modo de guiar a prática jornalística, tiveram grande influência do NEJ-RS”, completa.

Quadro 2: Ações de prática do Jornalismo Ambiental

Impressos	<p>1991: Sete edições do jornal mensal <i>Sobrevivência</i>, junto à Agapan, 10 mil exemplares cada.</p> <p>1992: Três edições do encarte <i>Versão Ecologia</i> no Jornal <i>Versão dos Jornalistas</i>, a partir do nº 14.</p> <p>1995-1997: <i>Linha verde</i>, boletim do NEJ, 4p.</p> <p>1996: <i>Viva</i>, jornal do NEJ, 12p., 10 mil exemplares. Edição única.</p>
------------------	--

Rádio	<p>Desde 2000, o NEJ-RS inspirou a criação dos programas Uirapuru Ecologia (Rádio Uirapuru AM de Passo Fundo); São Francisco Ecologia (Rádio São Francisco AM de Caxias do Sul); Sinais da Terra (Rádio Unisinos de São Leopoldo); programa Ecolândia (rádio comunitária Carai FM 106.3 de Santa Maria).</p> <p>2003: criação do programa semanal Sintonia da Terra na rádio da UFRGS, produzido pelo NEJ-RS. Desde 2012 temporariamente desativo.</p>
Internet	<p>2003: criação da EcoAgência Solidária de Notícias Ambientais. Em 2008 foi atacada por <i>crackers</i> no período em que denunciava a pressão exercida pela presidência da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (Sema/RS) para aprovar um regimento pouco restritivo à silvicultura no Estado. Continuou atuando com um <i>blog</i> e mantendo sua linha editorial independente. Em poucos meses um site mais seguro foi inaugurado.</p>

Fonte: Elaboração das autoras.

A associada Vera Damian (2015), pós-graduada em Gestão do Meio Ambiente, disse que sentiu “mais força para desenvolver atividades profissionais na área ambiental, [...]. O NEJ-RS também avaliza a militância ambiental”. Sílvia Marcuzzo (2015), ex-sócia, lembrou um

episódio¹⁴: “[...] por participar do NEJ fui tachada de ‘ecomala’, que é ecojornalista no sentido pejorativo, houve até uma nota publicada nos anos 1990 no jornal *Zero Hora*. “nada mais chato que... ecojornalista”.

Adriane Bertóglío Rodrigues (2015) conta que foi a partir de seu engajamento no NEJ-RS que passou a veicular o programa ambiental de rádio Uirapuru Ecologia:

Foi [...] em 1999/2000, a ideia lançada pelo Roberto Villar Belmonte, que na época trabalhava no programa Pró-Guaíba, para coordenarmos programas de rádio ambientais em algumas cidades do RS. Eu produzi o Uirapuru Ecologia em Passo Fundo [...]. Foi um momento ímpar na mídia gaúcha, especialmente em programas de rádio. Em 2001 recebi o 1º Prêmio Interamericano de Jornalismo Ambiental na categoria Produção

¹⁴ Em resposta, o NEJ-RS escreveu “Nada mais chato que ... preconceito” no boletim da entidade informando a difusão, nacional e internacionalmente, da lista com 20 itens “Nada mais chato que...” evidenciando o “lamentável desrespeito dos jornalistas ES, CSMF e JT” de *Zero Hora*. Enfatizam o reconhecimento por meio dos prêmios recebidos “[...] o que atesta não se tratar apenas de mais um grupo de chatos, mas sim um grupo de jornalistas preocupados em aperfeiçoar e qualificar a cobertura ambiental na imprensa”. **Linha verde**. Ano I, n. 2, Porto Alegre: jul. 1995.

de Rádio e o programa existe até hoje na rádio, em Passo Fundo.

A vida profissional e pessoal da ex-sócia, Guta Teixeira (2015), também foi influenciada pelo NEJ-RS. Ela trabalhou na *FM Cultura* (Porto Alegre), como produtora e apresentadora de programas, e criou vários com ênfase ambiental. Nos anos 2000, ela integrou a equipe de comunicação do programa Pró-Guaíba e seu engajamento motivou, inclusive, a criação do programa de rádio Sintonia da Terra, em 2003:

No meu entendimento, a sequência [do Sintonia da Terra] se deu pelo total comprometimento de quem estava na sua condução. Pelo que eu sei de todos que estiveram nessa posição, a gente acreditava de verdade no que estava fazendo; de certo modo, todos tínhamos vontade de mudar o mundo. A gente acreditava que “um mundo sustentável era possível”. Falo assim no passado, porque atualmente eu não vejo mais a possibilidade de mudança social sem uma mudança interna. (TEIXEIRA, 2015)

Em nível pessoal, os jornalistas responderam que participar das ações do NEJ-RS significou contribuir para a “luta

ambiental, do que simplesmente ficar ‘indignado’ com os problemas da área”, como disse o associado Ulisses Nenê (2015). Outros destacaram o surgimento de um olhar holístico, fortalecimento de convicções, inspiração a partir da atuação e compartilhamento de experiências e saberes. Por outro lado, os jornalistas sem vínculo com o Núcleo ressaltaram o papel de “produção e disseminação de informações e conhecimentos sobre a temática ambiental e pela sua capacidade de mobilização”, nas palavras do professor Wilson Bueno (2015).

Além do surgimento de publicações impressas e programas em rádio, os integrantes do NEJ-RS também implantaram uma agência de notícias pela internet. De acordo com Aguiar (2015), foi a partir da necessidade mínima de uma “representação” de jornalistas que cobriam o Fórum Social Mundial em Porto Alegre em 2002 – não só os vinculados ao NEJ-RS – que surgiu a EcoAgência de Notícias em 2003.

5. O reflexo acadêmico da mobilização ecojornalista

Assim como as coberturas realizadas voluntariamente por meio da EcoAgência, as pessoas que responderam ao questionário também destacaram que o NEJ-RS proporcionou o acúmulo de conhecimento e contribuiu para a inclusão da disciplina de Jornalismo Ambiental nos currículos de diversos cursos de Jornalismo no Brasil. Para Ângela Camana (2015), o Núcleo foi o “propulsor do Jornalismo Ambiental no país e na América Latina” enquanto para Vera Damian (2015) é “uma referência de ativismo pelo Jornalismo Ambiental”.

A partir dos questionários, pode-se concluir também que aqueles profissionais que trabalham em veículos tradicionais, assessorias ou são docentes, mas que tiveram uma formação profissional e acadêmica em Jornalismo Ambiental e que participaram de alguma forma das ações do NEJ-RS, passaram a incluir e/ou qualificar a forma de abordagem de meio ambiente na imprensa. Os não sócios acreditam que a influência sobre os profissionais seja mais no próprio Estado. Wilson Bueno disse:



Certamente esta é uma das contribuições mais significativas da atuação do NEJ, inspirando novas iniciativas e despertando para a importância da cobertura ambiental. Essa contribuição se consolidou ao longo do tempo pela atuação de seus associados e pela disposição de promover o debate, de incentivar o espírito investigativo e de afrontar interesses que assediam a cobertura ambiental. (BUENO, 2015)

A jornalista e professora da UFRGS, Ilza Girardi, é sócia-fundadora do NEJ-RS e mantém-se militante ativa da causa ambiental. Em 1991, ela também fazia parte de uma comissão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) de jornalismo científico e, ao lado do NEJ-RS, organizou com a Famecos/PUCRS e o Consulado Estadunidense, um debate via satélite sobre Jornalismo Ambiental. Para Tosi (2015), esta foi primeira grande atividade do Núcleo após sua fundação.

A formação em temas específicos, como o aquecimento global, foi realizada por meio do Congresso Brasileiro de

Jornalismo Ambiental de 2007¹⁵, que reuniu profissionais de todo país para discutir o papel do jornalismo e do jornalista neste cenário de crise. A realização deste Congresso foi destaque na dissertação de Teixeira (2008). Outra iniciativa destacada pela autora é a inclusão da disciplina de Jornalismo Ambiental no currículo dos cursos de Jornalismo iniciada em 2004, na UFRGS, por Ilza Girardi:

[...] tendo como objetivo principal aprimorar o conhecimento desses profissionais tanto em relação à linguagem técnica quanto ao aprofundamento dos temas, assim como o desenvolvimento de uma consciência ética, por ser o jornalista que faz a mediação da ciência, dos governos e demais organizações com a sociedade. (TEIXEIRA, 2008: 91)

Segundo Ilza, ao organizar seminários e cursos com os colegas do NEJ-RS, em parceria com a Fabico/UFRGS, passou a direcionar o seu interesse pelo jornalismo científico ao Jornalismo Ambiental. E, com a base e o apoio do

¹⁵ Ano em que foi publicado o IV Relatório do Painel Intergovernamental da Mudança Climática. (IPCC, na sigla em inglês).

NEJ-RS, propôs a criação da disciplina na UFRGS:

Antes de propor, apresentei um trabalho no Encontro de Professores de Jornalismo defendendo a criação da disciplina nos cursos de Jornalismo. Desde então, a questão ambiental passou a fazer parte de todas as disciplinas que ministrava e ministro. Tudo isso pode acontecer pela retaguarda que o NEJ me oferecia, porque jornalismo ambiental era coisa de "bicho grilo". Levar essa discussão para a universidade exigia disposição para vencer as barreiras impostas pelos colegas que não conseguiam compreender a importância da disciplina na formação do jornalista. (GIRARDI, 2015)

A ideia da inclusão da disciplina foi seguida por outras universidades no Brasil, com destaque ao papel do jornalista André Trigueiro, que implantou na PUC-Rio a matéria optativa para o curso de Jornalismo, em 2005. Na Universidade Federal do Amapá (Unifap), é obrigatória desde a criação do Curso, em 2011. No Centro Universitário Ritter do Reis de Porto Alegre (RS) foi obrigatória entre 2014 e 2016, com o professor Roberto Villar Belmonte. Em 2011, foi implantada na Universidade

Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (RS) como disciplina complementar¹⁶.

Além de influenciar o surgimento de disciplinas em universidades, o NEJ-RS é citado em pesquisas acadêmicas, como é o caso das dissertações de Loose (2010) e Fante (2012). Schwaab (2007), em seu trabalho, analisa dois programas de rádio sobre a temática ambiental e descreve uma entrevista com Juarez Tosi, que situa as ações do NEJ-RS a partir de uma visão complexificada de meio ambiente.

O NEJ-RS é visto ainda, segundo Muniz (2009: 13), como importante fomentador da formação de jornalistas comprometidos com a causa ambiental. O autor destaca que estas iniciativas "colaboram também para a configuração de um agir profissional que se traduz no pertencimento a uma categoria que reivindica identidade própria: a dos

¹⁶ Nosso levantamento preliminar apontou que em outras seis universidades do país o Jornalismo Ambiental está presente no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) nas formas: optativa (1); complementar (2); Tópico Variável em Jornalismo Ambiental (1); Eixo Flexível (1) e tópico da disciplina Jornalismo Especializado (1). Assim, destaca-se o crescimento do tema em importância acadêmica nos últimos anos em várias regiões do Brasil.

jornalistas ambientais ou ecojornalistas”. Loose (2011) ressalta que o Núcleo, desde sua criação, “buscou formas de viabilizar um veículo de comunicação que possibilitasse a divulgação das notícias ambientais, muitas vezes omitidas pelas grandes redes de comunicação”. (LOOSE, 2011: 5)

Já Gunther (2011) destaca que o NEJ-RS auxiliou na consolidação do Jornalismo Ambiental: “a EcoAgência, embora ainda muito precarizada em termos de recursos materiais, já consolidou a credibilidade do seu trabalho no campo do Jornalismo Ambiental”. (GUNTHER, 2011: 66)

O papel questionador do Jornalismo Ambiental e a atuação do NEJ-RS, neste sentido, é outro destaque nos trabalhos acadêmicos, inclusive de pesquisadores sem vínculo com o NEJ-RS, como por exemplo em Souza (2005), em relação ao objetivo do Núcleo, que é:

[...] formar jornalistas em condições de “ler” com mais competência as informações ecológicas, perceber a sua

complexidade, questionar com pertinência as instituições científicas e informar com precisão ao público sobre o comportamento de empresas e governos. (SOUZA, 2005: 33)

Luckman (2007) cita a criação do NEJ-RS e de outras entidades que foram criadas em função da necessária educação ambiental, como é o caso do Eco Mídias (1999), a RBJA e a Federação Internacional de Jornalismo Ambiental (IFEJ). No levantamento da bibliografia sobre o Jornalismo Ambiental, feita pelo pesquisador espanhol Fernández Reys, o papel do Núcleo foi ressaltado:

Numerosos cursos, master y premios sobre el periodismo especializado en materia ambiental se han acuñado con títulos que no acaban de aparecer de una manera homogénea: la disciplina de Jornalismo Ambiental, en la Facultad de Biblioteconomía e Comunicación, en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul [...] Curso de Jornalismo Ambiental: Os desafios da cobertura de meio ambiente, del Centro de Ecojornalistas y con el apoyo de la Facultad de Biblioteconomía y Comunicación de la UFRGS. (FERNÁNDEZ REYES, 2011)

A forte influência do NEJ-RS é considerada, pelo autor, como efetiva para a disseminação das ideias do

Jornalismo Ambiental. Por isso, o Núcleo é citado em trabalhos acadêmicos, criando oportunidades para que sua trajetória seja reconhecida em várias esferas sociais.

Aguar (2015) analisa que, ao longo do tempo, ampliou-se o entendimento da problemática ambiental e a interdisciplinaridade necessária das abordagens, bem como a divulgação e discussão sobre Jornalismo Ambiental em si. Outras melhorias estão na escolha de fontes, criação de programas, seções e colunas ambientais. Enfim, o Jornalismo Ambiental avançou em muitas áreas - na universidade, com a criação de disciplinas próprias e cursos de extensão -, e na maior correção das abordagens jornalísticas.

Considerações finais

Ao resgatar as informações sobre o Núcleo de Ecojornalistas do RS (NEJ-RS), percebemos que a história do jornalismo é feita a partir de vários tipos de contribuições. No caso estudado, destacamos o importante papel de uma

organização não-governamental, articulada aos movimentos socioambientais e à academia, para a constituição das trajetórias pessoais e profissionais e do Jornalismo Ambiental, especialmente no Rio Grande do Sul.

Vimos que a atuação voltada para a formação profissional, tanto em palestras e cursos quanto pela formação de redes de jornalistas ambientais ou pela inclusão da disciplina nas faculdades, torna esta trajetória também nacional. O NEJ-RS é reconhecido, internacionalmente, como promotor do debate sobre o papel do jornalismo na cobertura sobre meio ambiente. Do ponto de vista histórico, está em atividade há quase 30 anos, demonstrando a sua vitalidade, apesar de enfrentar algumas dificuldades que acabam limitando suas concretizações.

As entrevistas realizadas mostram a consolidação do Jornalismo Ambiental e do NEJ-RS, durante sua trajetória histórica. A maioria das pessoas consultadas destaca o comprometimento pessoal e profissional "com a causa" e,



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 2, Mai-Ago. 2018

em especial, dos jornalistas Juarez Tosi e Ilza Girardi, persistentes, mesmo nos momentos de maior desafio.

A busca por uma sociedade mais justa e um mundo sustentável é percebida como o principal elemento que instituiu, ao longo dos anos, o Jornalismo Ambiental e influenciou na mudança de visão de mundo das pessoas que se engajaram. Por isso, afirmamos que o NEJ-RS contribuiu para a história dos jornalistas e do Jornalismo Ambiental do Brasil, por meio do seu pioneirismo, e reverbera consciência ambiental em todo o país.

Referências

- AGUIAR, João Batista Santafé. NEJ-RS [13 abr. 2015]. Entrevistado por Carine Massierer. Porto Alegre/RS.
- BELMONTE, Roberto Villar. **Jornalismo ambiental**: evolução e perspectiva. Porto Alegre: Agir Azul na Rede, 1997. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/artigos/jornal.htm>> Acesso em: fev. 2018.
- BELMONTE, Roberto Villar. NEJ-RS [13 abr. 2015]. Entrevistado por Carine Massierer. Porto Alegre/RS.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss B. Gerhardt. SP: Ed. Paz e Terra, 2001.
- COLOMBO, Macri. **Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2010, Caxias do Sul-RS.
- ENGAJAMENTO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1a. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.758.
- FANTE, Eliege. **As representações sociais sobre o Bioma Pampa no jornalismo de referência sul-riograndense**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- FERNÁNDEZ REYES, Rogelio. Aproximación a la bibliografía de periodismo ambiental iberoamericano. Razón y Palabra. Número 77. Ago-Out 2011. Disponível em: <www.razonypalabra.org.mx> Acesso em: fev. 2018.
- FERREIRA, Isabelle Azevedo. Os ecos da ECO na mídia: A ECO-92 nas páginas do jornal cearense O Povo. In: **Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 6º, 2008, Niterói/RJ. Disponível em: <www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Os%20ecos%20da%20ECO%20na%20midia.pdf> Acesso em: fev. 2018.



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 2, Mai-Ago. 2018

GIRARDI, Ilza. Ecojornalismo e Educação Ambiental: a experiência de implantação da Disciplina de Jornalismo Ambiental na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 203-213, jan./jun. 2004.

GUNTHER, Guilherme Lima. **Jornalismo Ambiental e a EcoAgência**: a cobertura sobre o CONSEMA e a definição do Zoneamento Ambiental da Silvicultura no Rio Grande do Sul em 2008. Monografia, FABICO, 2011.

LOOSE, Eloisa. **Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

LOOSE, Eloisa. Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul: 21 anos pela qualificação da informação ambiental. **Ação Midiática** - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Vol. 1. Nº 2. Ano 2011.

LÜCKMAN, Ana Paula. **Educação, jornalismo e meio ambiente**: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MUNIZ, Cristiano dos Santos. **Jornalismo ambiental**: conceitos e especificidades. Trabalho de Conclusão de Curso

(Jornalismo). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NÚCLEO DE ECOJORNALISTAS DO RS (NEJ-RS). Estatuto. Porto Alegre, 2003. 7 f.

PETRARCA, Fernanda Rios. Atuação Profissional, Recursos Militantes e Lógicas de Engajamento no Jornalismo Ambiental no RS. **Comunicação & Política**. Rio de Janeiro. v. 26, p. 27-54. 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUES, Adriane Bertóglia. NEJ-RS [14 abr. 2015]. Entrevistada por Carine Massierer. Porto Alegre/RS.

ROESSLER, Henrique Luís. **O Rio Grande do Sul e a ecologia**: crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. 2.ed. Porto Alegre: Governo do Estado do RS/SEMA/FEPAM, 2005. 219p.

SCHWAAB, Reges Toni. **O discurso jornalístico da sustentabilidade em programas de rádio sobre meio ambiente**: uma análise do quadro Mundo Sustentável e do programa Guaíba Ecologia. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SCHWAAB, Reges Toni. NEJ-RS [21 abr. 2015]. Entrevistado por Carine Massierer. Porto Alegre/RS.



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 2, Mai-Ago. 2018

SILVA, Carlos Eduardo Nepomuceno da. **Na tábua da internet: o centro de informação RNP/ALTERNEX.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1997.

SOUZA, Jean Carlos Porto Vilas Boas. **Comunicação, meio ambiente e práticas culturais:** um estudo sobre o Alto Uruguai catarinense. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

TEIXEIRA, Dinair Velleda. **A ética no discurso do jornal Zero Hora sobre as mudanças climáticas.** Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Rio Grande, Universidade Federal de Rio Grande, 2008.

TEIXEIRA, Guta. NEJ-RS [12 abr. 2015]. Entrevistada por Carine Massierer. Porto Alegre/RS.

TOSI, Juarez. **NEJ-RS.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <eliege_f@yahoo.com.br> em 9 mar. 2015.